

Ficcionalizando realidades: a representação da violência contra mulheres na autoria feminina dos *Cadernos Negros*

Adélia Mathias

Resumo

408

Exposta à dupla opressão de gênero e raça, mulheres negras experienciam a violência de diferentes formas e com arranjos específicos. Suas denúncias sobre essas vivências dolorosas muitas vezes são silenciadas ou não reverberam com a mesma urgência com a qual precisam ser reconhecidas e acolhidas pela sociedade brasileira. A proposta deste trabalho é analisar, por meio da palavra simbólica construída pela literatura, como a violência contra as mulheres negras é representada em contos de autoria feminina dos *Cadernos Negros*. A teoria utilizada neste trabalho é produzida principalmente por teóricas feministas negras dos EUA – Patrícia Collins (2009), bell hooks (1977), Kimberle Crenshaw (2004) – e do Brasil – Sueli Carneiro (2001), Lélia Gonzalez (1995), e visa demonstrar como o debate sobre a violência sofrida especificamente por mulheres afro-brasileiras precisa emergir socialmente para que possamos combater a violência nas esferas simbólica e material.

Palavras-chave: gênero, raça, literatura, violência, representação.

1. Introdução

A literatura tem distintas possibilidades de uso, que vão desde a fruição até a mais rigorosa crítica estética, e uma delas é fazer as pessoas compreenderem o que é, assim como refletirem sobre, a alteridade. Nessa comunicação, analiso dois contos dos *Cadernos Negros* que abordam a violência contra as mulheres afro-brasileiras em narrativas que ficcionalizam a realidade experienciada por diversas mulheres moradoras dos subúrbios das grandes cidades. Uma importante contribuição desses contos está no fato de que mulheres negras são também suas produtoras, o que destoa do cenário atual da literatura brasileira, segundo a pesquisa de Regina Dalcastagnè (2005), que comprova que o padrão do escritor brasileiro contemporâneo é homem, branco, de classe média e vive nos grandes centros urbanos do centro sul do país.

2. *Cadernos Negros, quilombos da literatura*

Como esse congresso é diversificado, inicio minha comunicação explicitando o que são os *Cadernos Negros*, coletivo no qual se encontram os textos de minha análise. Os *Cadernos* são publicações literárias divididas em volumes anuais. Inaugurado no ano de 1978 em São Paulo, os *Cadernos Negros* têm colaboradoras e colaboradores de várias cidades brasileiras e desde a primeira edição contam com a participação de autoria de mulheres. Se há hoje no Brasil um espaço legitimado para produção, consumo, circulação e crítica de literatura afro-brasileira, mesmo que ainda sem a proporção adequada e/ou desejada por nós população negra, certamente os *Cadernos* fazem parte desse processo de criação e manutenção da manifestação cultural dessa literatura. Isso porque há 40 anos são publicados ininterruptamente com edições alternadas entre poesia e conto, feito único no campo literário brasileiro, pois nenhuma outra série composta por diversos autores e autoras está há tanto tempo em funcionamento. Seja no campo estético, seja enquanto forma de resistência sociocultural, os *Cadernos Negros*, metaforicamente chamados de “quilombo da literatura” por Aroldo Macedo (BARBOSA e RIBEIRO, 2008), são importantes por propiciarem oportunidade para o exercício de uma criação literária diferenciada, construída a partir do local de fala de afro-brasileiros/as, possibilitando a eles/as a passagem de objeto a sujeito desses discursos, enriquecendo ainda mais a discussão a respeito das questões raciais e de gênero no discurso literário brasileiro.

3. Escritoras negras e a violência

Como já foi dito anteriormente, as escritoras negras fazem parte de todos os volumes dos *Cadernos* e dentre tantos os temas que podem abordar, abordam a

violência. No artigo “Gênero e violência na literatura afro-brasileira”, a pesquisadora Constância Duarte comenta:

Já há algum tempo, quando leio escritos de autoria feminina, reparo que raramente eles tratam da questão que me parece a mais urgente, a mais premente, que nenhuma mulher pode ignorar. Onde estão as marcas literárias da violência a que cotidianamente as mulheres são submetidas? Onde, as dores do espancamento, do estupro, do aborto? Na vida – nesta que fica aquém da literatura – tais dores são comuns. Não passa uma semana sem que os jornais noticiem a morte de mulheres assassinadas pelo companheiro, vingativo ou enlouquecido de ciúmes. Não passa um dia sem que uma mulher seja espancada, sangrada, violada, apenas por ser mulher. E não me refiro só à violência física que deixa marcas visíveis no corpo. Também as outras, a humilhação, a ofensa, o desprezo, marcam, doem, e são cotidianas. (2010, p.229)

Após esse questionamento, a pesquisadora se diz satisfeita em encontrar tais representações, com certa regularidade, na autoria das escritoras afro-brasileiras dos *Cadernos*.

A pesquisadora Tânia Mara Almeida (2014) entende que a violência de gênero:

[...] não se refere a atitudes de fazer sofrer ou aniquilar o outro que seja alguém considerado igual ou que é visto nas mesmas condições de existência e valor que o/s seu/s perpetrador/es. A centralidade das ações violentas (físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais) incide sobre a alteridade do feminino na esfera doméstico familiar, na esfera pública e na esfera dos conflitos internacionais(p.329).

Se tal violência sozinha representa uma opressão em relação à alteridade, os estudos de Kimberle Crenshaw (2004) nos mostram que para as mulheres negras a violência racial se junta à violência de gênero, se articulando de maneira tal que não é possível dissociar uma da outra, o que coloca essas mulheres em uma situação específica de violência que ainda é pouco debatida nos espaços políticos e culturais.

Para ilustrar em qual ponto da interseccionalidade opressiva em que se encontram as mulheres negras analisamos a seguir trechos dos contos “Ana

Davenga” de Conceição Evaristo (Cadernos Negros 18, 1995) e “Alice está morta” de Miriam Alves (Cadernos Negros 12, 1989).

“Ana Davenga” narra a história entre Davenga e Ana, ele chefe do tráfico de uma favela, ela moradora da mesma favela e então esposa de Davenga. No enredo do conto duas mulheres são assassinadas: Maria Agonia e Ana. Maria Agonia pregava o cristianismo na cadeia onde conheceu Davenga, que logo depois foi libertado da prisão. Eles tiveram um caso escondido porque ela era filha do pastor, até que Davenga a chamou para subir ao morro com ele, ser sua esposa de modo informal. Maria Agonia desdenhou da proposta, pois dessa relação queria apenas sexo, e isso enfureceu Davenga que mandou executá-la sem pensar duas vezes, num crime físico e simbólico:

Um dia ele [Davenga] se encheu. Propôs que ela [Maria Agonia] subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a Bíblia, deixasse tudo. Maria Agonia reagiu. Vê só, se ela, crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou. Ah! Então era isso? Só o prazer? Só o gostoso? Só aquilo na cama? Saiu dali era novamente a Bíblia? [...] Não havia de ser nada. Tinha alguém que faria o serviço para ele. Dias depois, a seguinte manchete nos jornais: “Filha de pastor apareceu nua e toda perfurada de balas. Tinha ao lado do corpo uma Bíblia. A moça cultivava o hábito de visitar os presídios para levar a palavra de Deus”. (CNs 18, p.23-24).

Maria Agonia sofreu violência física, o assassinato, e simbólica, uma vez que foi deixada no meio da rua nua e ao lado de uma bíblia para que todas as pessoas pudessem ver que ela não era uma mulher de respeito porque gostava de fazer sexo fora do casamento, o que não era permitido em sua religião. Esse assassinato ocorreu apenas porque a mulher teve autonomia de dizer que não aceitaria a vida errante de mulher de traficante, ou seja, Maria Agonia foi assassinada por exercer seu direito de não à proposta afetiva de um homem.

Ana já aceitou viver como mulher de Davenga e adicionou o nome dele ao seu, um ato simbólico para um ambiente no qual o machismo impera. Quando decidiu se tornar Ana Davenga, ela o fez para demonstrar que era companheira do chefe do morro, o que por sua vez lhe conferia poder/respeito e ao mesmo tempo a afastava de possíveis assédios e pretendentes; entretanto nem essa atitude salvou sua vida. Ana foi executada por policiais que invadiram o barraco de Davenga na noite do aniversário dela, enquanto faziam amor e ela estava prestes a contar sobre sua gravidez, ambos foram surpreendidos por policiais que, diante da resistência de Davenga em se entregar, mataram tanto o homem quanto sua companheira, ainda que ela não apresentasse resistência alguma e apenas se encolhesse para proteger o filho dentro de seu ventre:

Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda. [...] Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais a serviço. Na favela os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga. (Cadernos Negros 18, p.26).

Agentes do estado ceifaram duas vidas, sem a necessidade de que isso ocorresse. Uma das várias leituras que se pode fazer desse conto é a de que as mulheres negras não estão protegidas nos lugares em que vivem, elas estão sempre vulneráveis, seja na mão do Estado, que lhes nega o direito à vida, seja pela mão de seus companheiros no morro; uma leitura extremamente desafiadora para nós mulheres, e provocativa, pois é a ficcionalização da vida de diversas mulheres brasileiras, algo que a literatura canônica não costuma abordar, pois nela a mulher é vista como musa inspiradora e a maternidade é tratada como sagrada, o oposto do que acontece nessa narrativa.

O conto “Alice está morta”, de Miriam Alves (Cadernos Negros 12, 1989), nos faz encarar um relacionamento nada romântico que se torna abusivo e culmina em um feminicídio.

Alice é uma mulher negra que mora sozinha em um cortiço; ela é trabalhadora, fumante e bebe. De tanto chegar de porre no cortiço, o narrador da história, outro morador, se sente compadecido de Alice e passa a cuidar dela. Com o tempo eles se envolveram e quando decidiram viver na mesma quitinete não foi pelo amor arrebatador habitualmente relatado nos romances canônicos, notaram que se já dormiam juntos poderiam diminuir os gastos ao compartilharem as contas, em comum eles não partilhavam sonhos ou felicidade, mas desespero, solidão e desilusão.

A narrativa é bastante poética e exige de nós, leitoras/es atenção para que consigamos notar a violência sofrida pela personagem que não tem voz no conto, é sempre descrita pelo companheiro e narrador, que por sua vez não é nomeado.

Crescia entre nós algo sem nome, mas tinha cara de ciúmes. E noutras oportunidades tinha cara de medo. Rotina cotidiana, nada mudava. Somente aquele odor de esperanças pisadas, misto de crenças desmedidas impregnava os tijolos da casa, os meus e os seus poros. Também lágrimas. Saíam da torneira e faziam nas uns fungos vermelhos na pia da cozinha e do banheiro. No começo os fungos irritavam-me, depois achei que eram eles os responsáveis pela exacerbação do odor. Não os removi porque precisava culpar alguém ou alguma coisa. Depois, quanto mais agudizava o odor, mais aquela coisa estranha tomava conta de tudo. O quarto e a cozinha tornaram-se vermelhos. (Cadernos Negros 12, 1989, p.69)

O ciclo de violência evolui até que Alice é arremessada em um lixão, na beira da rua onde morava, segundo o narrador:

O ódio brotou. Nossas esperanças soterradas sob o monturo de dejetos urbanos. Olhei a madrugada. O dia se anunciava. Alice agora gritava. Solucei com ela. Ergui-a ao céu. Depois para o fim da rua. Ofereci-a a Exu. Sacudi-a para a direita e para a esquerda. Saudei Omulu. Entre soluços, atirei-a ribanceira abaixo. Era segunda-feira. Ela se calou. Fim. (Cadernos Negros 12, 1989, p.71)

Mais uma vez a ficção nos faz pensar em histórias diferentes das abordadas na literatura tradicional, propositadamente nos incomoda, e nos faz pensar tanto no enredo quanto nas escolhas que estruturam a narrativa, se por um lado as palavras nos dizem objetivamente a história de um feminicídio, por outro Miriam Alves constrói um conto sufocante no qual a personagem feminina não tem voz, sabemos quem ela é, seus maus hábitos e frustrações pela fala do narrador; e a violência sofrida está escamoteada em belas construções poéticas que nos incomodam mesmo quando não entendemos prontamente qual é seu objetivo.

Nas três personagens trabalhadas, podemos ver como a violência as atingem; elas são vítimas da violência doméstica e também da violência institucional, perpetrada por agentes representantes do Estado. Não conseguem escapar do assassinato rancoroso de seus companheiros nem da violência policial, vivem em constante contato com as dores específicas que a articulação entre gênero e raça lhes impõe.

4. Conclusão

Como nos alertaram Sueli Carneiro (2001) e Sojourner Truth (1851), mulheres negras não são musas inspiradoras, não são simbolicamente construídas através do mito da fragilidade, não são bem tratadas como mulheres brancas, mas se igualam a elas quando o assunto é a violência de gênero.

Entre as diversas possibilidades de representação da violência, nos Cadernos Negros, nos chama atenção a violência doméstica (física e psicológica) e a violência institucional contra as mulheres negras porque essas são as formas de violência sofridas rotineiramente por mulheres em geral, e afro-brasileiras especificamente.

A literatura de autoria feminina e assumidamente negra – como as trabalhadas nesta comunicação – nos fazem refletir sobre distintas realidades que são produtos

de um sistema que objetifica mulheres para legitimar a violência contra elas. Desse modo como leitoras/es desses contos, somos desafiadas a pensar e criar imagens simbólicas muito mais diversas que reivindicam a alteridade e confrontam nosso imaginário coletivo já acostumado com diferentes versões de uma mesma história a nos abrir para novas formas de representação que podem modificar nosso modo de ver e experienciar o mundo, por intermédio da literatura.

Referências

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. (2014). "Corpo feminino e violência de gênero: fenômeno persistente e atualizado em escala mundial". In: *"Sociedade e estado"*. Volume 29, número 2 maio/ago.

Cadernos negros 12. (1989) Org. Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores.

Cadernos negros 18. (1995) Org. Quilombhoje. São Paulo: Editora Anita.

CARNEIRO, Sueli. (2001) *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Artigo apresentado no Seminário Internacional sobre Racismo, Xenofobia e Gênero, organizado por Lolapress em Durban, África do Sul, em 27 e 28 de agosto 2001. Publicado em espanhol na revista LOLA Press nº 16, novembro 2001. Tradução para o português no site <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>. Acessado em 20/09/2015.

CRENSHAW, Kimberle. (2004). "A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero". In: *Cruzamento: raça e gênero*. UNIFEM – Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher. Rio de Janeiro. p. 7-19.

DALCASTAGNÈ, Regina. (2005) "A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004". In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26, Brasília, Jul-Dez 2005. Disponível em <http://www.gelbc.com.br/inicio.html>. Acessado em 18/09/2015.

DUARTE, Constância. (s.d.) *Gênero e violência na literatura afro-brasileira*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/artigoconstancia.pdf>. Acessado em 18/09/2015.

TRUTH, Sojourner. (1851) *Ain't I A Woman?* Women's Convention, Akron, Ohio. Disponível em: <http://www.fordham.edu/halsall/mod/sojtruth-woman.asp>. Acessado em: 20/09/2015.